

# Do Paleolítico à arte contemporânea: novos discursos museológicos do Museu da Guarda (Portugal)

João Mendes Rosa<sup>a</sup>, Vitor Pereira<sup>b</sup> y Tiago Ramos<sup>c</sup>

<sup>a</sup>Diretor do Museu da Guarda. Universidad de Salamanca

<sup>b</sup>Arqueólogo. Município da Guarda

<sup>c</sup>Bolseiro de Doutoramento Fundação para a Ciência e Tecnologia . Universidad de Salamanca.  
Instituto de Estudos Medievais. Universidade Nova de Lisboa

[http://doi.org/10.18239/congresos\\_2020.22.12](http://doi.org/10.18239/congresos_2020.22.12)

## NOTA INTRODUTÓRIA

Nos últimos anos o Museu da Guarda tem vindo a implementar um movimento de auto-regeneração sistemática, incluindo no seu eixo programático novos discursos museológicos que não se cingem apenas ao espaço físico do museu mas que também se estendem aos espaços exteriores e à urbe.

Da arqueologia ao Simpósio Internacional de Arte Contemporânea, espaços e actividades vêm sendo dinamizadores de uma verdadeira democratização cultural, do acesso ao Bem Comum, permitindo a diferentes públicos o usufruto de distintos e diversos patrimónios culturais. Pretendemos partilhar a metodologia seguida, os desafios que nos surgem, o intercâmbio de experiências, que possam contribuir para o desenvolvimento da praxis museológica.

O Museu da Guarda está instalado no complexo arquitetónico formado pelo antigo Paço Episcopal - residência de Inverno dos Bispos - e o antigo Seminário da Guarda, complexo esse que começou a ser construído no início do século XVII<sup>1</sup>.

As aspirações da cidade da Guarda à criação de um museu remontam aos finais do século XIX e talvez tivessem surgido na sequência das obras de restauro na Sé-Catedral iniciadas em 1899 sob a orientação do arquiteto Rosendo de Carvalheira<sup>2</sup>.

A partir da passagem tutelar do Museu da Guarda para o Município da Guarda, em 2015, e com a nomeação de um novo diretor, foi apanágio do município tornar este museu mais atrativo para as comunidades locais, de modo a que estas se revissem nos seus conteúdos e linguagem,

1 Sabemos que a edificação do seminário diocesano se iniciou em 1601 pelo bispo D. Nuno de Noronha. Todavia, se sabemos a data de construção do seminário, desconhece-se o ano em que terá tido início a edificação do Paço. Não obstante, este não se deverá distanciar muito da cronologia do primeiro, uma vez que uma inscrição que figura na frontaria do balcão do Paço assinala a data de 1636. Este ano é o do falecimento do bispo D. Frei Lopo de Sequeira Pereira que iniciou o seu governo da diocese em 1632 (Gomes, 1981: 161). Talvez fosse este prelado a concluir as obras do paço, pois a documentação deixa perceber que naquele ano já se encontrava, se não concluído, pelo menos na fase derradeira de edificação (Conceição, 1977: 19).

2 Em 1909 o *Distrito da Guarda*, na sua edição de 9 de Maio, corporizava essas aspirações, postuladas numa série de textos subsequentes publicados até final do ano predito, um deles intitulado mesmo “Museu Archeológico”.

por outras palavras, democratizar a cultura. Desta forma deu-se início à implementação de um projeto assente em três eixos, que abrangem desde a Pré-História à Arte Contemporânea, esta última muito deficitária até então no acervo do Museu, bem como as áreas da fruição, da formação e do fomento criativo.

O objetivo final seria o de dotar a cidade de um equipamento museal que corresponda à crescente procura cultural, tanto para públicos nacionais como ibéricos.



Fig. 1. Museu da Guarda

## O MUSEU DA GUARDA

Em 1910 foi criada uma comissão destinada à constituição de uma unidade museológica nas vertentes arqueológicas e artísticas. Vicissitudes várias – entre elas as da instabilidade decorrente da implantação – levaram ao sucessivo protelar da criação do Museu da Guarda e só viria a ser uma realidade quatro décadas volvidas, embora a discussão em redor da temática nunca deixasse de fazer parte do debate civil e político, que ganhou consistência nas décadas de 20 e 30 do século passado.

Assim, no contexto das comemorações centenárias da independência nacional (1640-1940), foi nomeada uma comissão instaladora da entidade museal emergente que, apesar da gestão municipal, assumia a designação de Museu Regional da Guarda<sup>3</sup>.

Na sessão de Câmara de dia 6 de Janeiro de 1940, Dia de Reis, o Museu era oficialmente fundado por deliberação unânime do Executivo. Ficaria instalado em parte do antigo seminário, cujas obras de adaptação foram custeadas pela autarquia (Borges, 2003: 64), abrindo as suas portas ao público no dia 30 de Julho de 1940.

3 Integravam essa comissão, presidida por Ernesto Pereira (secretário das comemorações centenárias), o Presidente da Câmara (Orlindo José de Carvalho), o Presidente da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia (Alberto Diniz da Fonseca), a pintora Eduarda Lapa e dois membros da sociedade guardense, Alfredo Filipe e Carlos Martins, o primeiro, advogado e o segundo, professor.



Fig. 2. Museu da Guarda: exposição permanente previamente a 2016

No início da década de 60 o Museu entra numa nova fase: a primeira mudança de tutela. Face às despesas de manutenção que a autarquia alegava não poder suportar, a mesma resolveu ceder à Junta Distrital os “bens mobilizáveis” da entidade museal (Borges, 2003: 64). Corria o ano de 1962. Mas a verdade é que se segue um período de grande desconhecimento da orgânica do museu, dada a exiguidade de documentação interna para esta data. Sabemos que as instalações foram novamente ampliadas até aos meados da década em apreço e em 1966 foi alvo, pela primeira vez, de programação museográfica.

Em Fevereiro de 1982, a Assembleia Distrital da Guarda e o Instituto Português do Património Cultural (IPPC) assinavam um acordo de transferência do Museu da Guarda para a dependência daquela última entidade. Em 1983 iniciaram-se obras de remodelação do edifício e elaborou-se o programa museográfico para as coleções em depósito. Assim, o Museu abriu ao público em Junho de 1985, sob a designação de Museu da Guarda e na dependência do Instituto Português do Património Cultural.

O Museu da Guarda passou entretanto – 2007 – a depender do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC), situação que se manteve até 2012, ano em que passa para a tutela da Direção Regional de Cultura do Centro (DRCC). Contudo, três anos depois, o Museu passou para a tutela da Câmara Municipal da Guarda, voltando assim às suas origens tutelares.

O Museu integra a Rede Portuguesa de Museus (RPM), sistema organizado de museus, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus, tutelado pela Direção Geral do Património Cultural.

O acervo do Museu da Guarda é constituído por coleções de arqueologia, numismática, escultura sacra dos séculos XIII a XVIII, pintura sacra dos séculos XVI a XVIII e armaria dos séculos XVII a XX. Encontramos ainda cerâmica, fotografia, etnografia regional, e uma importante coleção de pintura dos primórdios do século XX. Merecem particular destaque duas espadas da



Fig. 3. Museu da Guarda: exposição permanente previamente a 2016

Idade do Bronze, uma fíbula anular hispânica (dos séculos v/vi a. C.), a coleção de numismática romana e um torso imperial romano do século II, atribuído a Trajano; na escultura, um granito policromado do século XIII, representando Nossa Senhora da Consolação com baldaquino e os espaldares de cadeiral dos séculos XVI e XVIII.

Todavia o seu acervo é muito mais vasto, estando em depósito uma quantidade apreciável de espécimes arqueológicos, procedentes de doações de particulares e ainda fruto de prospeções e escavações arqueológicas, mormente as levadas a cabo no Mileu e no importante santuário proto-histórico do Cabeço das Fráguas<sup>4</sup>.

Previamente a 2016 o discurso expositivo assentava em critérios sequenciais e cronológicos, verificando-se que as abordagens descritivas eram residuais. Uma pesquisa bibliográfica e testemunhal, coadunada com uma análise presencial, demonstravam que, apesar do trabalho meritório desenvolvido até então – e cujos esforços se louvam sobremaneira – o Museu da Guarda enfermava de algumas patologias museais que será mister ter em conta numa futura redefinição da oferta cultural do mesmo e que afetavam as seguintes áreas: Comunicação e imagem; Conteúdos Programáticos; Discurso expositivo; Organização Espacial; Acessibilidades.

O piso encontrava-se compartimentado em quatro secções: Arqueologia Pré-histórica; Arqueologia Proto-histórica e Romana; Arqueologia Medieval e Pós-Medieval; Arte Sacra.

## NOVOS DISCURSOS MUSEOLÓGICOS

Sendo os museus e os monumentos relacionáveis lugares únicos que nos proporcionam experiências memoráveis e uma aprendizagem indispensável à formação da identidade coletiva, dada a sua compleição estética conjugada com o seu enquadramento. Também pelas suas

<sup>4</sup> Resultante das escavações feitas no famoso arqueossítio por Thomas Schattner e Maria João Santos, entre os anos 2006 e 2010.



Fig. 4. Museu da Guarda: exposição permanente em 2017

coleções e pela sua programação cultural, constituem espaços privilegiados de transmissão de valores, manutenção da memória da(s) comunidade(s), integrando esses valores (sejam eles históricos ou não) na contemporaneidade.

Assim sendo, a conceção do programa museológico do Museu da Regional da Guarda deveria pressupor um ajustamento entre a realidade sociocultural da comunidade e a missão do museu enquanto agente cultural, postulada na definição: “Le musée doit parler le langage de la culture vivante de nos communautés” (Varine, 1998).

Se o primeiro passo na conceção de uma unidade museológica é aferir da identidade cultural da comunidade, o segundo é perceber o tipo de abordagem museológica mais adequado à realidade. Pretendia-se assim um museu de cariz comunitário, um Museu de Região mas que não deixasse de ser um Museu de Cidade, depositário do memorial coletivo ao longo dos tempos, em que o enfoque é sobre a história e a cultura da urbe e da envolvente, um resgate da sua memória. Temperando a interdisciplinaridade, privilegia a Arte e a História.

Assim, dentro da sua vocação de museu de região, o Museu Regional da Guarda deve observar uma ação dúplice: retrospectiva e prospetiva. Retrospectiva no que concerne a uma conceção mais clássica de museu, compreendendo a salvaguarda e preservação dos constituintes da vida e cultura das gentes da Guarda e sua região; prospetiva, na medida em que sendo uma instituição dotada de dinamismo e orgânica própria, deverá ser um núcleo disseminador de atividades culturais próprias e transversais à comunidade educativa e à população em geral.

Assim, definimos três princípios norteadores para o novo projeto do Museu da Guarda: a natureza deverá assentar no Museu da Cidade (compendiador da história e dos testemunhos culturais da Guarda), oferecer o âmbito regional (Região da Guarda – enquanto realidade geomorfológica e territorial multissecular) e apresentar uma vocação internacional (Centro de Arte Contemporânea) – pela sua localização e realidade geocultural ibérica e europeia.



Fig. 5. Museu da Guarda: exposição permanente em 2017

Enquanto estrutura funcional, o Museu assume uma centralidade modeladora a partir do complexo urbano Antigo Seminário e pretende avocar uma natureza polinucleada que contemple diferentes espaços expositivos, históricos e culturais da cidade, do concelho e da região.

A ação programática assenta num discurso museográfico de três grandes eixos de intervenção e que constituem a sua Missão: Fruição (componente usufruto expositivo, museológico, lúdico e de lazer nos seus vários aspetos e expressões); Formação (assumir um plano formativo e educacional multidisciplinar, com incidência nas ciências históricas, artes e literatura, num programa científico sistemático e calendarizado em articulação com as instituições de ensino, sociais e culturais da cidade/concelho/região/território transfronteiriço, complementado com colóquios, encontros, cursos, workshops); Fomento Criativo (proporcionar ateliers permanentes de criação artística, desde residências, oficinas, simpósio de artes, dotando a Cidade de acervos e manifestações criativas permanentes nos domínios das Artes Plásticas, Expressões Dramáticas, Performativas, Musicais, Cinematográficas, Multimédia e Literárias<sup>5</sup>.

5 Assumindo-se a transdisciplinaridade e o comunitarismo museal como eixos fundamentais da edificação do Museu Regional da Guarda, os agentes socioculturais da cidade e região serão parte integrante e ativa do programa museológico. Referem-se, a título de exemplo, ao nível político, os órgãos institucionais de representatividade democrática; ao nível da Educação, os estabelecimentos dos vários níveis de ensino, incluindo o Instituto Politécnico e demais agentes educativos, entre eles as associações de pais, etc.; ao nível associativo, conta-se com a participação de agremiações profissionais, de solidariedade social, culturais, folclóricas, desportivas, etc. Uma parceria basilar é, como se verá adiante, a Associação de Amigos do Museu dado que, enquanto associação cívica, detém prerrogativas privilegiadas para apoiar – não é outro o seu objeto – a entidade museal em apreço. Por outro lado, as demais entidades museais e académicas ibéricas, são parceiros estruturais fundamentais para a afirmação e construção da identidade do Museu. Assim, o Museu Provincial de Cáceres, o Museu Nacional de Arte Romana de Mérida, o Museu Provincial de Salamanca, e bem assim a Universidade de Salamanca e a Diputación Provincial da mesma cidade, manifestaram a sua inteira disponibilidade em integrar este projeto.



Fig. 6. Museu da Guarda: exposição Del Jardín del Bosco, de Florencio Maíllo

Propõem-se, assim, como linhas orientadoras gerais do Museu Regional da Guarda, a transdisciplinaridade e o comunitarismo. O Museu deve assumir-se como elemento aglutinador de tudo o que concorra para ‘narrar’ a história milenar da Guarda, não se podendo excluir desse processo multidirecional e transversal, sob nenhuma invocação, o contributo de cada elemento humano ou social presente na tessitura comunitária guardense. A seleção e a promoção de conteúdos programáticos terão sempre essa visão agregadora, desdobrando-se em tantas especificidades quantas as necessárias para melhor retratar as memórias da cidade.

No fundo, almeja-se um museu que narre a história da cidade e da região da Guarda.

### *III.1. SALAS DE EXPOSIÇÃO*

A Cidade da Guarda e o seu termo, inscritos num território geográfico único, detêm um vasto património, natural e construído, geográfico e cultural, que proporciona extraordinárias paisagens físicas e humanas, de uma qualidade e de uma dignidade únicas, que há que conhecer, dar a conhecer e preservar. Foi com base nestes pressupostos que delineámos um extenso programa museológico, composto por diversas secções. Para além da divulgação deste rico e vasto património, pretende-se consolidar o sentimento de pertença e de identidade cultural, através da requalificação do Museu, cujo enfoque será a valiosa história multissecular da Guarda.

Partindo do imaginário coletivo do início da presença humana no território da Guarda, o percurso expositivo desenvolve-se ao longo de seis secções, focando a atenção dos visitantes para os aspetos mais relevantes da História da Cidade da Guarda e do seu território, desde a Pré e Proto-História ao Século XXI, finalizando na Arte Contemporânea. O projeto museológico deverá apresentar uma linha condutora de âmbito cronológico, e ao longo da sequência de salas expositivas os períodos históricos deverão ser apresentados com materiais e painéis informativos de contextualização, seguindo um projeto museográfico coerente.



Fig. 7. SIAC#1: Os Efes da Ribeirinha, por Sfhir



Fig. 8. SIAC#1: Metamorfose: de mulher a anjo, de Elena Saracino



Fig. 9. Voluntariado no Museu

### *III.2. FRUIÇÃO*

De igual modo se procedeu a uma renovação dos espaços expositivos do piso superior, criando-se um espaço modular que possibilita acolher exposições temporárias de grande vulto e dimensão. Como anteriormente referido, a arte contemporânea era praticamente inexistente no acervo do Museu. Por forma a colmatar esta realidade têm-se vindo a apostar na conceção de exposições dedicadas a esta temática, tanto recorrendo ao diálogo com a população local (fundamental para esta primeira proto-instalação) como expondo a arte criada nas edições do Simpósio Internacional de Arte Contemporânea – Cidade da Guarda (SIAC), e que agora enriquecem o acervo museológico; como também acolhendo e comissariando exposições de artistas ibéricos, como Florencio Maílló, uma exposição que para além de peças deste artista dialogou com peças do próprio museu; como ainda organizando ciclos expositivos de pintores contemporâneos como o de Irene Gomes ou de temáticas muitas vezes dissonantes do politicamente correto.

### *III.3. FOMENTO CRIATIVO*

Numa outra ação programática, de fomento artístico, destacamos aqui as duas edições do SIAC, o primeiro em homenagem a José Luis Coomonte, no qual se fomentou a criação de peças escultóricas, pintura, murais de arte urbana ou serigrafias digitais. Na segunda edição, em homenagem a João Cutileiro, deu-se novamente relevo ao fomento criativo com ateliers de escultura e pintura ao vivo, *street art* e cursos de foto-xilogravura e poesia visual. Para além da presença de mais de 300 artistas, nas duas edições, do usufruto do contacto direto com o ato de criação de arte, todas as peças produzidas enriquecem agora o acervo do museu.

### *III.4. FORMAÇÃO*

No que concerne à linha programática de formação que o Museu da Guarda quer implementar, é de destacar que beneficiando da presença de conceituados artistas internacionais no Simpósio, foram realizados diversos *workshops* de curta duração, nas áreas de desenho criativo, azulejaria, fotografia analógica e escultura criativa, direcionados para um público etário diversificado.

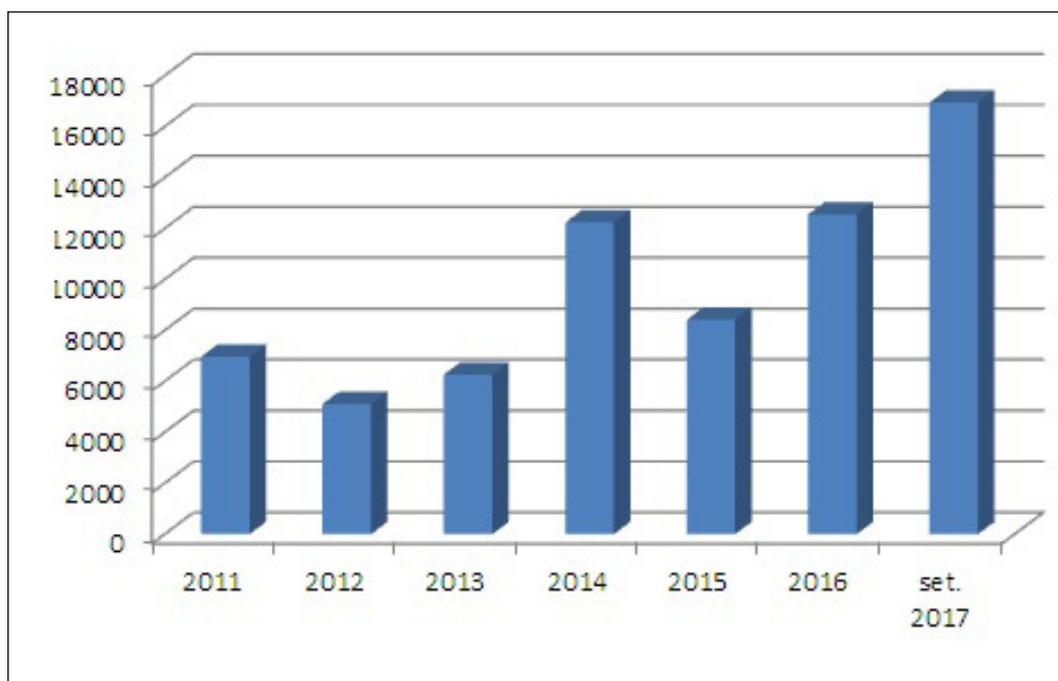


Fig. 10. Número de visitantes do Museu da Guarda entre 2011 e setembro de 2017

Na mesma linha programática, a criação de um programa de voluntariado no museu pretende que os jovens com idade inferior a 20 anos tenham um contacto mais prolongado com a museologia, a arqueologia ou a arte, não só no museu, mas proporcionando-lhes igualmente visitas temáticas ao Festival do Teatro Romano de Mérida ou à Bienal de Arte Contemporânea de Cerveira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos atualmente num processo de transformação e concretização de um projeto. No futuro imediato pretende-se dar continuidade à renovação do espaço museológico, nomeadamente a Sala 4, dedicada ao período medieval da cidade e região. Pretende-se igualmente avançar a nível editorial, com a publicação de catálogos de exposições e do boletim do museu, meios de compêndio e divulgação das atividades.

Sabemos que é uma tarefa árdua e complexa, mas que muito nos gratifica, e que tem vindo a dar frutos como demonstra o aumento exponencial do número de visitantes do museu.

Sendo a cidade da Guarda uma das mais antigas urbes portuguesas, inserta numa região com pré-existências atestáveis num percurso milenar que é rico e atestado por inúmeros elementos materiais, está todavia necessitada de uma estrutura que congregue tais testemunhos numa ótica sistémica do seu apesamento cultural para fruição comunitária. Assim, é nosso entendimento que deverá caber ao Museu Regional da Guarda um papel fundamental no progresso da cidade e do concelho, sem esquecer as suas tradicionais áreas geográficas de influência, que perfazem afinal a “região” da Guarda, através do precioso legado que constitui o seu passado, trazido ao presente para o valorizar.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, D.H. (2003): *O Museu da Guarda entre o Passado e o Futuro*, Palimage Ed., Viseu.
- CONCEIÇÃO, M.T. (1997): «Antigo Seminário e Paço Episcopal da Guarda – uma investigação na base de um projeto de arquitetura», en *Praça Velha*, nº 1.
- GOMES, J.P. (1981): *História da Diocese da Guarda*, Ed. Pax, Braga.
- SANTOS, M.J.C. (coord.) (2010): «Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o santuário no seu contexto», en *Iberografias*, Centro de Estudos Ibéricos, Guarda nº 6.
- VARINE, H. (1998): «Ecomusées, musées communautaires, développement local», en *Jornadas sobre a função social do Museu*. Póvoa do Lanhoso.